



Artigo/Article

Maternidades: discursos, mudanças e permanências em obras de Júlia Lopes de Almeida e Tati Bernardi

Maternities: discourses, changes and permanences in works by Júlia Lopes de Almeida and Tati Bernardi

Bruna Coutinho Sant' Anna¹

RESUMO

Este artigo consiste numa análise das obras *Maternidade* (1925), de Júlia Lopes de Almeida, e *Você nunca mais vai ficar sozinha* (2020), de Tati Bernardi, com o objetivo principal de traçar semelhanças e diferenças imbricadas nos discursos das autoras que se encontram situadas em contextos sócio históricos diferentes, mas abordam o mesmo tema: a maternidade. Apesar de ambas desfrutarem de certo privilégio por serem mulheres brancas, pertencentes a uma elite social e que puderam/podem viver da escrita, são tidas nesta pesquisa como 'Vozes do Sul' (MOITA LOPES, L. P, 2006), por vivenciarem e questionarem a maternidade, em uma sociedade que ainda exclui e invisibiliza muitas mulheres mães. Dessa forma, o presente trabalho alinha-se à perspectiva da Linguística Aplicada (LA), que abre espaços de escuta para as vozes de sujeitos que estão situados às margens da sociedade. Nesse sentido, os discursos de Júlia Lopes e Tati Bernardi, de diferentes maneiras, desconstroem visões romantizadas e limitadas acerca da vivência materna, bem como nos permitem perceber que essa é uma temática a qual deve ser vista sob uma perspectiva múltipla.

- **Palavras-chave:** maternidade, ideologias, feminismos, identidade

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada. Email: brunacoutinho@letras.ufrj.br

ABSTRACT

This article consists of an analysis of *Maternidade* (1925), by Júlia Lopes de Almeida, and *Você nunca mais vai ficar sozinha* (2020), by Tati Bernardi, with the main objective of tracing overlapping similarities and differences in the discourses of the authors who meet located in different socio-historical contexts, but they address the same theme: motherhood. Although both enjoy a certain privilege for being white women, belonging to a social elite and who could/made make a living from writing, they are considered in this research as 'Vozes do Sul' (MOITA LOPES, L. P, 2006) for experiencing and questioning motherhood, in a society that still excludes and makes many women mothers invisible. In this way, the present work is aligned with the perspective of Applied Linguistics (AL), which opens spaces for listening to the voices of subjects who are located on the margins of society. In this sense, the speeches of Júlia Lopes and Tati Bernardi, in different ways, deconstruct romanticized and limited views about the maternal experience, as well as allowing us to perceive that this is a theme which must be seen from a multiple perspective.

- Keywords: motherhood, ideologies, feminisms, identity.

1. Introdução

O presente artigo consiste em uma análise comparativa entre os discursos literários das obras *Maternidade* (1925), de Júlia Valentim da Silveira Lopes de Almeida (Júlia Lopes de Almeida), e *Você nunca mais vai ficar sozinha* (2020), de Tatiane Bernardi Teixeira Pinto (Tati Bernardi). Júlia Lopes de Almeida possui uma imensa fortuna crítica a respeito de sua obra, a qual aumentou consideravelmente nas últimas décadas, o que contribuiu para o reconhecimento renovado de sua importância. Já Tati Bernardi, embora obtenha bastante sucesso, sobretudo no espaço midiático, não goza do mesmo prestígio no meio acadêmico. Ressalto que, nesta análise, não é possível comparar Júlia Lopes e Tati Bernardi de forma a colocá-las numa escala vertical, mas apenas horizontal: não reconheço, nessas autoras, traços que as tornam melhor ou pior uma da outra. Na verdade, ambas são de extrema relevância em suas respectivas épocas e oferecem um aparato rico para leitura e pesquisa de discursos literários.

A partir de contextos sócio-históricos diferentes, porém da mesma base (ambas brasileiras, brancas, pertencentes a uma elite social e com reconhecimento literário, podendo viver da escrita), as autoras problematizam o papel da mãe e os cuidados maternos, sobretudo a partir de visões conservadoras, como as das famílias nucleares e heteronormativas. Diante

disso, meu objetivo é discutir semelhanças e diferenças, a partir da perspectiva de cada escritora, sobre a temática em questão, além de procurar compreender como esses escritos foram e são recebidos pelas sociedades nas quais estão inseridos.

Nesse sentido, surgem os seguintes questionamentos: Há mais semelhanças ou diferenças entre as visões adotadas por Júlia Lopes de Almeida, em 1925, e Tati Bernardi, em 2020? Com o avançar dos anos, houve mudanças na perspectiva social sobre a maternidade? E a experiência materna? Modificou-se ao longo do tempo? De que forma? Quais estratégias e discursos prendem as mulheres à monotonia de uma trajetória única, limitada ao casamento e à maternidade compulsória? Toda mulher nasce para ser mãe? Ao escolher a maternidade, esse seria o único caminho a seguir, ou seria possível a conciliação de vários papéis, em busca da realização pessoal para além da maternidade? Por que razão, ao falarmos abertamente sobre o lado mais sombrio do maternar, sofremos severos julgamentos da sociedade?

2. O estudo das obras no campo da Linguística Aplicada: vozes femininas, vozes subalternas

A forte relação entre contexto e texto dialoga com a proposta de estudos da Linguística Aplicada, a qual enxerga a linguagem como ferramenta problematizadora de questões sociais. Assim, ao dissertar sobre outros/novos modos de teorizar e fazer LA [Linguística Aplicada], Moita Lopes (2006), defende investigações centradas no “contexto aplicado” (2006, p. 21), isto é, de fato onde as pessoas vivem e agem, dedicando especial atenção à “(...) compreensão das mudanças relacionadas à vida sociocultural, política e histórica que elas experenciam” (idem).

Em *Maternidade* (1925), de Júlia Lopes de Almeida, o traço ensaístico e, acrescento, didático, denuncia uma busca por se aproximar do leitor, convencê-lo e, quem sabe, ensiná-lo, numa espécie de “cartilha”. Assim, aspectos narrativo e instrutivo se fundem na construção da obra. Em diversos trechos, a influência do positivismo na escrita da autora fica evidente. A narradora ressalta, por exemplo, a importância da sociedade preparar as mulheres para a maternagem: “(...) é principalmente preciso instruir a mulher sobre os seus deveres com a criança” (ALMEIDA. 1925, p. 97). Segundo ela, as crianças devem ser concebidas com amor e criadas com doçura e, para que isso seja possível, as mulheres precisam ser ensinadas. Aquela que não segue os preceitos socialmente passados é vista como uma “mãe analfabeta”, “mãe frívola” (ALMEIDA, 1925, p. 97).

Para as mães que não compreendem que penhor sagrado é para elas um filho, é que a ciência moderna escreve livros de eloquente singeleza e

bem intencionada elucidação. Nenhuma bibliotheca de mulher deve sentir a falta dessas obras maternas, nunca suficientemente disseminadas entre o povo. (ALMEIDA. 1925, p. 98-99)

Já Tati Bernardi introduz a maior parte dos capítulos de seu livro a partir de cenas cotidianas de uma gestante, como a realização de exames pré-natal e consultas médicas. Dessa forma, a autora cria um estilo transpassado por humor e ironia corrosivos que chegam a mascarar, em certa medida, os inúmeros desconfortos experimentados pelo corpo grávido, ainda alvo de fortes vigilância e tabu, em pleno século XXI. Dessa forma, é capaz de tecer duras críticas de forma leve e sutil.

Oi, eu sou a senha preferencial 76. Prefiro fazer o de urina primeiro porque estou apertada. Se bem que melhor não. Vamos começar pelo de sangue porque tenho hipoglicemia e já estou há horas sem comer. Posso tomar o lanchinho e depois voltar e colher urina sem pegar fila? Tudo bem, esquece. Não tenho aflição de agulha, só não fico encarando. Nossa, precisa tudo isso de tubinho? Quase dez semanas. Vomitei só duas vezes, mas tive vontade umas duzentas. (BERNARDI, 2020, 7.)

Diante disso, podemos perceber que os escritos de Júlia Lopes e Tati Bernardi dialogam com suas próprias experiências de maternidade. Dessa forma, percebe-se que o contexto sócio-histórico em que essas obras foram elaboradas é de extrema relevância para as respectivas análises. Esses traços aproximam, também, os exemplares de um discurso, no sentido mais próximo da língua cotidiana, afastando-se dos recursos ficcionais presentes nas obras literárias de feições mais tradicionais.

Ademais, conforme Moita Lopes (2006), é necessário politizar o ato de pesquisar. Quando agimos, produzimos discursos, e, ao pesquisar, conscientemente ou não, somos orientados por ideologias. Então, fazemos escolhas refletidas. Logo, não há neutralidade. Diante disso, ao fazer pesquisa, trazemos relevância para alguns/algumas e apagamos outros. Em meu projeto, as mulheres são intencionalmente colocadas no centro, sobretudo as que vivem a experiência materna. Isso porque a maternidade e seu exercício, a maternagem, sem dúvida, são práticas sociais que se constroem, na maioria das vezes, pela repetição de discursos heteronormativos, normalmente vinculados ao cerceamento do corpo, da sexualidade e até da individualidade feminina. Conforme Tati Bernardi (2020, p. 120) expõe, "(...) tem um bebê dentro de mim e eu não posso simplesmente ignorar que eu existo". Essa visão de anulação da individualidade feminina, por exemplo, se sustenta há séculos através de ideologias de base patriarcal e biologizante.

Durante muito tempo, a voz predominante nos estudos tentava convencer a comunidade, sobretudo científica, de que o conhecimento é autônomo e despolitizado. Contudo, na verdade, esse é construído dentro de um contexto, logo, isolado, não corresponde ao mundo objetivo; é apenas um recorte dele.

Não se pode, portanto, negligenciar o entorno de uma pesquisa. Nesse sentido, Moita Lopes (2006) defende a necessidade do reposicionamento do sujeito na sociedade, considerando sua sócio-história. Por isso, trabalhar com a visão de maternidade de forma comparativa entre épocas e contextos distintos torna-se ainda mais produtivo.

Como alternativa para uma nova episteme, Milton Santos (2000) e Boaventura Santos (2004) propõem um olhar para as Vozes do Sul, isto é, os excluídos, marginalizados.

Como pensar novas formas de produzir conhecimento com base em outros olhares e, assim, colaborar na reinvenção da vida social? Acho que Boaventura Santos diria que isso só é possível se usarmos os olhares “do Sul”. Essa é a metáfora do sofrimento humano que ele utiliza para dar conta de perspectivas marginalizadas, de modo que, ao conhecer as margens em sua própria voz também seja possível conhecer o centro. É, portanto, um mundo dos múltiplos discursos e de novas construções para a vida social como também da exclusão descarada, em que os limites são inesperados e em que, conseqüentemente, a ética é central na vida social e na pesquisa. (MOITA LOPES, 2006, p. 94).

Podemos afirmar que Tati Bernardi e Júlia Lopes de Almeida apresentam-se como “Vozes do Sul”, por serem mulheres, classe silenciada, em sociedades regidas pelo patriarcado. Desse modo, a escolha do discurso literário produzido por mães para tratar de um tema como maternidade reafirma o meu compromisso ético e responsivo nesta pesquisa, pois, de acordo com Branca Fabrício:

Os espaços marginais, bem como o modo de focalizá-los, seriam um *locus* de ocorrência do novo, e com eles poderíamos aprender a ‘ver com outros olhos’. As opções políticas envolvidas nessa ótica têm implicações para construção do presente e de futuros sociais possíveis, menos aprisionadores e mais comprometidos com a transformação de situações de exclusão social em diversas áreas, causadoras de sofrimento humano. É em razão dessas possibilidades que as escolhas temáticas e teóricas se justificam, não em razão de uma superioridade epistemológica. (FABRÍCIO, 2006, p. 52)

Tanto Júlia Lopes de Almeida (1925) quanto Tati Bernardi (2020) defendem, em suas obras, as respectivas visões que carregam acerca da maternidade. Em ambas as leituras, a leveza do estilo é uma marca. Nota-se um tom dialógico e interacional, por meio do qual as autoras se expõem e proporcionam não só o envolvimento do leitor com o texto, como também uma análise ainda mais “realista” da experiência de suas experiências.

A primeira, de forma mais poética, em uma espécie de “cartilha doutrinária”, escrita por uma autora republicana, abolicionista e positivista, mas que, na época, em alguma medida, representava uma significativa transgressão às morais e aos bons costumes nas escolhas dos temas, além de desafiar o cânone masculino ao ser uma bem-sucedida escritora. A última, de maneira divertida e sarcástica, procura mascarar as fragilidades da experiência materna e, ao mesmo tempo, criticar fortemente visões hegemônicas da gravidez apregoadas pelo senso comum. Dessa forma, no momento em que narram suas memórias e emoções mais íntimas, as autoras constroem suas subjetividades. Assim, aspectos cotidianos e coloquiais, inspirados em vidas “reais”, se fazem presentes, tornando-as leituras instigantes para a LA contemporânea.

3. *Maternidade* (1925), de Júlia Lopes de Almeida

Em 1925, no contexto de *Belle Époque Carioca*, Júlia Lopes de Almeida publicou a obra *Maternidade*. Isso repercutiu na sociedade daquele momento e teve grande relação com a imprensa em ascensão. Sob essa ótica, Dona Júlia representava o estereótipo de “Dama” da *Belle Époque*, ao incorporar, em suas obras, elementos dessa sociedade enquanto uma mulher branca, casada, com filhos, escritora, oriunda de uma família aristocrática e pertencente à elite social e intelectual. Por outro lado, era positivista, abolicionista e republicana, indo de encontro a uma série de valores conservadores da época. Esse confronto se manifesta na obra *Maternidade* (1925), por meio da qual a autora, apesar de não se desvincular completamente de um padrão familiar heteronormativo e burguês, convoca suas amigas/leitoras a adotar uma postura questionadora. Já nas páginas iniciais, por exemplo, a narradora comenta sobre a Primeira Guerra, marcando o texto como um manifesto contra o belicismo:

É dever de todo escritor que mal ou bem poz na Torre do Pensamento a lanterninha do seu nome, dizer o que sente sobre o problema mais aflitivo de todos os tempos - a guerra - sobretudo quando esse escritor é mulher e contribuiu com o seu sofrimento e o seu sangue para o acréscimo da humanidade. (ALMEIDA. 1925, s/p.)

Nesse contexto mutante, mas ainda opressivo às causas femininas, em que mulheres se viam divididas entre o desejo de “emancipar-se” e/ou “despoetizar-se”, pois essa era a mensagem subliminar passada às brasileiras oitocentistas, Júlia Lopes de Almeida se consagrou uma das primeiras escritoras do país reconhecidas no meio literário e jornalístico.

Naquela época (e ainda hoje), mesmo a imprensa sendo “feminina”, inevitavelmente traçava estereótipos em suas publicações. Até os dias atuais, é comum que trate, na maioria das vezes, os mesmos assuntos (considerados o reflexo da “alma feminina”), partindo do princípio de que os temas devem ser

escolhidos, de modo a fazer com que a relação de projeção-identificação entre as mulheres e os textos seja estabelecida. Na realidade, essa lógica está diretamente relacionada ao pensamento da sociedade vigente na época em que as mulheres tinham suas vidas condicionadas, principalmente, ao bem-estar da família e da casa. Nesse sentido, não caberia a elas assuntos políticos, econômicos e sociais do país. O acesso à educação formal, a presença em cafés e bailes e o surgimento de publicações voltadas às mulheres apresentam-se ainda em fase embrionária.

No início do século XX, escrever *Maternidade* (1925) em folhetim – formato de publicação veiculado pela imprensa com forte influência na propagação de valores da época – já fora um passo à frente dado por Júlia Lopes no que diz respeito ao espaço da mulher na sociedade, representando, inclusive, uma importante prática cultural. Além disso, vale mencionar a popularidade e o amplo alcance entre as mulheres obtido a partir desse formato de publicação.

Por meio de uma linguagem simples, porém bem articulada com a temática em foco, a maternidade, a narradora reflexiva de D. Júlia, pela transcrição da realidade e pelo seu poder discursivo, recria o imaginário dominante. Isto é, o discurso do patriarcado fica contaminado por uma ressignificação, a qual denuncia a condição de dominação do feminino pelo masculino nas relações de gênero. Isso pode ser notado já no prelúdio do livro, no qual é narrada uma noite de insônia materna enquanto “Na paz da noite o homem dorme” (ALMEIDA, 1925, p. 18) e a narradora conclui: “Nove meses de angústia, nove meses nauseativos, mal dormidos, mal vividos, de corpo pesado, alma cheia de apreensões aterradoras, e eis que em ondas de sangue e dor nasce um menino, linda promessa de um futuro risonho” (1925, p. 18-19).

Portanto, podemos inferir que, na obra em análise, há uma oscilante ambiguidade que consiste na retração da sociedade sob influência da lógica patriarcal, apesar de atitudes de emancipação feminina embrionárias, como questionamentos e críticas às diversas questões relativas à maternidade. Dessa forma, não se pode deixar de perceber que é construída uma imagem de uma mulher burguesa, esposa e mãe que é, além de rainha do lar, uma espécie de guardiã dos bons costumes e da adequada conduta social, deslocando-se constantemente entre os papéis exercidos nos meios privado e público.

Nos dias de hoje, pode-se afirmar que, embora não haja um total desprendimento dessa visão acerca das mães, uma série de direitos foi alcançada pelo público feminino, sobretudo após a onda feminista dos anos 1970, como maior participação no mercado de trabalho e acesso à educação. Desse modo, as mães contemporâneas ocupam espaços que já vão muito além daqueles representados em *Maternidade* (1925). Mesmo assim, estudos sobre corpos femininos e cuidados maternos ainda são fundamentais na busca por mais direitos em prol da equidade e pela diminuição de uma visão romantizada e estereotipada da identidade materna.

4. ***Você nunca mais vai ficar sozinha (2020), de Tati Bernardi***

Tati Bernardi é uma escritora cuja carreira, desde o início, está fortemente ligada à mídia e à imprensa, o que nos passa a impressão de ser alguém muito próximo, uma pessoa tangível e real como todos nós. A personalidade de Tati remete a uma representação típica da mulher contemporânea, fazendo com que dilemas como independência, namoro, sexo, trabalho, maternidade, casamento e separação e sobrecarga sejam algumas das temáticas frequentemente presentes em suas obras.

Na obra *Você nunca mais vai ficar sozinha (2020)*, Tati Bernardi retrata, através da narradora-personagem Karine, sob tom confessional, sua primeira experiência como gestante, aos 35 anos, quando deixa de ser apenas filha e se torna, também, mãe. Embora a protagonista do livro não carregue o nome da autora, é perceptível que as angústias e dúvidas de Karine se confundem com as de Tati, uma vez que ambas vivenciam o mesmo momento da vida: a estreia da maternidade. Dessa forma, a escrita torna-se também uma forma de protesto contra as retaliações que Tati e tantas outras mulheres experimentam ao ocuparem o lugar social de mãe.

É notável, na escrita de Tati, uma sexualidade mais libertadora, possível antes do casamento, atrelada ao advento da pílula anticoncepcional e a uma mudança de perspectiva sobre o matrimônio.

Dos mais de cinquenta caras com quem transei na vida, acho que pelo menos metade foi naqueles dois anos no apartamento da Cajaíba. Eu vivia chorando e fazendo terapia e reclamando e puta da vida e não estava bem. Tinha medo até de me matar. Mas olhando agora, eu estava ótima e tenho tanta saudade. (BERNARDI, 2020, p. 31).

Embora hoje as mulheres vivenciem avanços no que diz respeito à possibilidade de escolha entre se tornarem mães ou não, é indiscutível que escutar os incômodos da maternidade, diretamente daquelas que decidiram se aventurar na experiência, abala muitas pessoas que tendem a considerar a chegada de um filho como algo sublime e, conseqüentemente, impossível de receber descrédito. Ao tratar a maternidade de forma crítica, Tati Bernardi, em suas obras, inclusive a que norteia este estudo, aponta para uma demanda de liberdade do corpo feminino, mesmo que ainda de forma embrionária e com os atenuantes do humor corrosivo.

Nesse sentido, a escrita de Tati Bernardi apresenta-se como subversiva, pois ela se recusa a escrever o esperado, o cômodo, a fim de se lançar, imbuída de genuína coragem, na escrita das agruras do ser mulher e mãe, disposta a relatar, sem meias palavras, os desejos ocultos, os medos e as dificuldades com as escolhas que fazem ou que fizeram por ela.

Não sou daquelas grávidas saltitantes, não me tornei um unicórnio alado da alegria suprema. Amo esse filho, amarei esse filho. Acho que é menino. Falo pras pessoas que com tanto mal-estar e cansaço e prisão de ventre nem uma dessas mocinhas bem bobas e leves e 'apaixonadas pela vida' permaneceriam solar. Mas é mais do que isso. Poderia dizer que parei com o Eflexor assim que descobri que estava grávida e esse desmame repentino me fodeu a cabeça. (BERNARDI, 2020, p. 7)

Outro aspecto marcante nos textos de Bernardi é o humor, que, por vezes, se mescla a uma linguagem hiperbólica. Nesse sentido, cabe conceituar o humor como um traço que possibilita relevante interação entre a autora e quem a lê.

Ser adulto é passar mal e querer sua mãe mas já ser mãe e seu filho querer você. Então é como se a gente agendasse ficar mal para o outro ano, para outra vida. Agora não dá tempo de cair. Pular da janela está programado para quando meu filho estiver indo pra faculdade. Me desesperar, estou sem horário nesse semestre. Crise de pânico, tentei encaixar, mas não encontrei data. (BERNARDI, 2020, p. 17).

Assim, o percurso de escrita de Tati constrói, com o leitor, uma relação de intimidade. A escritora usa o humor não no sentido risível, com o intuito de provocar gargalhadas, mas sim de uma maneira crítica. Isso se articula ao teor de problematização que está tão forte na obra *Você nunca mais vai ficar sozinha* (2020). Aliás, é preciso ler o que está entre as linhas, se quisermos compreender com a profundidade que merece a literatura de Bernardi. A autora, em sua proposta narrativa, nos leva à reflexão de forma leve, sem a pretensão de ser um texto hermético para ser considerado bem escrito. Essa ousadia na escrita, em verdade, é parte de um claro movimento de resistência ao que é convencional.

Em suma, *Você nunca mais vai ficar sozinha* (2020) é construído por meio de um humor corrosivo, ironias e, embora possa estar inspirado em acontecimentos realmente vividos pela autora – visto que, de fato, Tati Bernardi é mãe de uma menina –, conta com a inserção de traços ficcionais, ou seja, revela um trânsito entre o inventado e o biográfico. Essas são algumas das características que tornam a obra uma leitura dinâmica e divertida, em que parece mascarar a sensibilidade materna e, ao mesmo tempo, questionar uma série de visões pré-concebidas pelo senso comum a respeito da figura de mãe.

5. Diálogo entre as obras e as autoras

Nas obras aqui analisadas, é possível notar que, embora as abordagens e épocas sejam diferentes, há uma série de semelhanças quanto às visões de maternidade imbricadas nos discursos das autoras. Em linhas gerais, ambas assumem o risco de escrever de forma destemida, expondo que a relação mãe

e filha(o) nem sempre corresponde ao que se espera. Cada uma com suas características literárias próprias, aponta para a mesma questão: a desmistificação da maternidade ideal.

Tanto em *Maternidade* (1925) quanto em *Você nunca mais vai ficar sozinha* (2020), as narradoras refletem sobre suas maternagens e, em certos momentos, nos colocam diante da dor e da angústia que os filhos trazem, algo geralmente retratado como alegria desmesurada. E essa (falsa) impressão de eterna felicidade advinda da chegada de uma criança tende a silenciar as verdades que as mulheres se sentem obrigadas a esconder, como o cansaço, o arrependimento, o alívio, a raiva, a rejeição, a tristeza e, também, a não vontade de ser mãe.

Logo, como pôde ser observado a partir das análises aqui propostas, há, nas obras, uma desconstrução da romantização acerca da maternidade. As representações maternas propostas por Almeida e Bernardi, em diversos âmbitos, vão de encontro à idealização presente no senso comum. Ao abordarem temas como o cansaço, a sobrecarga e, por vezes, até a sensação de infelicidade gerada pelo excesso de responsabilidades que se fazem presentes em suas experiências maternas, essas autoras contrapõem completamente diretrizes sociais que vinculam a felicidade feminina à maternidade.

É perceptível nas obras que, quando as narradoras se tornam mães, muitas vezes sentem que não são mais vistas como mulheres, pois têm individualidades modificadas e condicionadas pela maternidade. Suas identidades apresentam múltiplas faces: ora agem como mães, ora segundo seus desejos de mulher, ora buscam quebrar os ditames patriarcais nos quais estão inseridas, ora se reconhecem como sujeitos autônomos. A obra *Maternidade* (1925), por exemplo, traz exemplos de como o amor materno se manifesta de diferentes maneiras, como a “mãe ave” e a “mãe fera” (p. 110). Ao construir essas metáforas, a narradora aponta que o instinto materno se manifesta na mulher antes de qualquer outro animal. Já em *Você nunca mais vai ficar sozinha* (2020) a protagonista Karine é apresentada como uma mulher cuja vida não está resumida à maternidade: ela faz atividade física, tem vida sexual ativa, trabalha muitas horas por dia e fica indignada ao ser socialmente cobrada para incorporar a maternidade com leveza e simplicidade à sua rotina.

A quantidade de informações sobre gravidez, parto, pós parto, amamentação, ser mãe, ser mãe para sempre, morrer um dia. É muita informação sobre tudo isso e muita informação de repente e para sempre e até poucos meses atrás eu estava flertando no *inbox* do *Facebook*. Daí agora me pego tentando botar tudo em ordem, tudo sob controle, mas cada microdetalhe me escapa porque se multiplica em mil detalhes. E isso é cansativo. (BERNARDI, 2020, p. 117)

Além disso, o texto de Bernardi aborda criticamente o frequente apagamento das mulheres quando engravidam; é como se fossem vistas como mero objeto que simplesmente abriga outro ser: “Virei um corpo sem desejo e sem ânimo hospedando um negocinho minúsculo que transformou minha rotina num conjunto de dias longos, tristes e desesperadores” (BERNARDI, 2020, p. 8).

Essa reflexão pode ser aplicada também ao que ocorre no mundo fora das obras analisadas. A experiência de maternidade, sobretudo em uma sociedade moderna, não pode ser vista como unificada, nem delimitada, mas caracterizada por diferenças sociais, étnicas, sexuais, nacionais e de gênero. Assim, o sujeito mãe é formado por diversas identidades a partir da sua posição diante de determinadas situações.

Júlia Lopes e Tati Bernardi também questionam a maternidade compulsória fortemente presente numa sociedade em que corpos femininos são docilizados e cerceados por uma vigilância permanente. Em nossa sociedade, o dispositivo da maternidade, moldado com base em discursos que incentivam as mulheres a serem (boas) mães e lhes impõe uma vida de sacrifícios e renúncias em prol das crias, culpabiliza aquelas que não conseguem capturar. Caso não opere da forma indicada e resista a ter sua conduta traçada pelo dispositivo materno, a mãe pode ser predicada como egoísta ou mesmo desqualificada enquanto mulher. Assim, aquelas que se opõem ao estatuto do amor materno, entrando em conflito com as expectativas geradas, passam a ser alvo de julgamentos, visto que a coletividade é instruída para acreditar que o amor maternal é indefectível, inerente à subjetividade feminina. As autoras em questão desconstróem esse estereótipo imposto às mulheres, segundo o qual a maternidade seria algo inato, desejado por todas.

Vale mencionar, também, que ambas escritoras se aproximam das narradoras personagens as quais apresentam nos textos, como se fossem símbolos realmente representativos da realidade construída por elas. D. Júlia, Dama da *Belle Époque*, em *Maternidade* (1925), traz um ideário materno que se molda a partir da figura de uma mulher culta, anjo do lar, doce, capaz de perdoar e proteger seus filhos, como apontam os seguintes fragmentos: “A maternidade é abnegada, sabe perdoar e transformar em flôres os próprios espinhos com que dilacera a indiferença dos filhos” (ALMEIDA, 1925, p. 55), “(...) um coração de mãe, mesmo maltratado pelo filho, ainda todo estremece e se comove á idéia do que ele possa sofrer... E nessa abnegação, nesse desprendimento de si propria está toda a eloquência, toda suprema beleza da Maternidade” (ALMEIDA, 1925, p.113). Já Tati Bernardi, sinônimo da mulher moderna, em *Você nunca mais vai ficar sozinha* (2020), ilustra uma mãe questionadora, sexualmente ativa, bem posicionada no mercado de trabalho:

Não é exatamente divertidíssimo ver meu escritório em casa se transformando num quarto de bebê. Não é exatamente natural e

mágico ver meu corpo, que trabalhava quinze horas por dia e fazia pilates e musculação e sexo, se arrastar deprimido pelo jardim do prédio. Sinto que toda a minha energia vital foi sugada por um pequeno óvni e que, enquanto isso, uma torcida organizada (pela minha mãe) chamada “todo o resto da humanidade” chacoalha pompons na minha cara e levanta faixas com os dizeres “tem que se sentir muito animada e abençoada ou você é uma vaca”. (BERNARDI, 2020, p. 7-8)

Por isso, quando Almeida e Bernardi tomam suas memórias e experiências como mulheres e mães como base para suas produções estão, simultaneamente, se resignificando enquanto sujeitos. Seja em tom confessional, irônico, crítico ou melancólico, através de seus pronunciamentos, Júlia Lopes (1925) e Tati Bernardi (2020) ilustram a posição que ocupam enquanto mulheres e mães em uma determinada sociedade que segue regras ditadas por um patriarcado histórico.

Em resumo, é notório que Júlia Lopes e Tati Bernardi, embora se distanciem quanto às propostas de uso das ferramentas narrativas, aproximam-se na tentativa (exitosa) de, por meio da literatura, fomentar discussões acerca de um tema ainda urgente e tão caro para as mulheres. Portanto, é na subversão do que se tem como regra que podemos afirmar quão importante e revolucionária é a escrita feita por mulheres acerca de temas como a maternidade. Será, então, na ousadia da escrita do inesperado e do que não é convencional que poderão não apenas se inscrever enquanto escritoras, como também documentar os seus pensamentos, os seus desejos, os seus silêncios, por mais incômodos que sejam. É na resistência em seguir o óbvio e o esperado que, cada vez mais, escritoras têm desvendado novos caminhos antes vistos como impróprios ou impossíveis. Nesse sentido, não há dúvidas de que a literatura foi e é uma das frentes para as grandes conquistas femininas dos últimos séculos, pois, ainda que não deva ser encarada como utilitária, é uma das poucas chances de compreender o outro, a partir de sua perspectiva, abrindo-se espaço, inclusive, para a alteridade.

6. Considerações finais

Em uma sociedade patriarcal, as mulheres são consideradas um grupo marginalizado, visto que, muitas vezes, têm seus direitos violados e suas falas não são ouvidas. As obras aqui tratadas consistem em importantes práticas culturais/políticas da época em que foram produzidas e, segundo a própria LA Indisciplinar, há uma forte ligação entre esse âmbito e a pesquisa. Fica evidente, então, a necessidade de desenvolver estudos sobre mulheres mães no espaço acadêmico, ainda regido por uma lógica de dominação masculina, bem como boa parte da sociedade. Nesse contexto, trabalhos como este são uma forma de dar voz e reconhecimento a elas que, por tantas vezes, foram e ainda são

silenciadas. É o ato de trazer para o centro aquelas que estiveram por tanto tempo às margens sociais.

Ressalto, nesse sentido, a necessidade de reflexão especificamente acerca da construção social e política por trás da maternidade, que frequentemente torna mulheres mães alvos de uma exclusão social ainda maior. Diante disso, devemos falar em maternidades, no plural, em construções possíveis, fenômenos de grande complexidade, passíveis de serem interpretados pelo viés psicológico/psicanalítico, como também pelo social, visto que se inserem na sociedade ao construírem vínculos afetivos. Além disso, ratifico a importância de retirar o véu da idealização materna e feminina cultuadas pelo senso comum.

Em linhas gerais, na escrita de Júlia Lopes de Almeida destaca-se a forte influência dos valores positivistas, que incentivaram a busca do conhecimento pelas mães, principais responsáveis por repassá-los às futuras gerações. Vale mencionar, também, como a autora foi uma icônica representação da Dama da *Belle Époque*, contexto histórico em que esteve inserida durante grande parte de sua produção literária. Ademais, é importante ressaltar a popularidade de D. Júlia, considerada uma das maiores escritoras brasileiras, norteadora de diversas pesquisas acadêmicas. O formato de publicação de *Maternidade* (1925), em folhetim, foi um dos motivos que contribuíram para que Júlia Lopes tivesse seu nome popularizado na imprensa. Sua obra constrói, também, uma representação da mulher como onipresente anjo do lar, cuja maternidade se desempenha com base em um ideal de abnegação.

Já Tati Bernardi traz, em seu discurso, marcas da contemporaneidade, a visão de uma mulher que acredita ser independente, mas ainda está presa aos ditames de uma sociedade patriarcal. Em sua obra, evidenciam-se aspectos que apontam para uma sexualidade feminina mais livre e uma atuação mais intensa no mercado de trabalho. Além disso, é uma autora, cuja presença está fortemente marcada no universo midiático.

O ponto crucial desta pesquisa foi perceber que ambas as autoras, apesar de suas características e personalidades maternas distintas, expõem perspectivas que se distanciam daquelas que costumamos supor como a única via do ser feminino e, sobretudo, do ser mãe. Assim, é perceptível um esforço desmedido para contestar as representações e os mandamentos sociais cristalizados, com o objetivo de se alcançar a libertação dos estereótipos cultivados no seio da sociedade patriarcal. Os escritos de Júlia Lopes e de Tati Bernardi retratam os conflitos e as angústias de suas narradoras, as quais recusam aceitar “as coisas como elas são”, numa tentativa de se descolar da imagem da mãe submissa e conformada, mimetizando a realidade caótica, da qual muitas vezes tentamos escapar. Ao se desgarrar de uma escrita idealizada no que diz respeito à maternidade, as autoras apresentam narradoras-protagonistas que se julgam inadequadas para a sociedade de seu tempo,

portanto, anacrônicas em relação ao presente que experimentam. Assim, tem-se uma escrita que vai ao encontro das tendências afirmativas e se reinventa ao provocar uma literatura de impacto.

Ao escrever sobre os inconvenientes da maternidade, as obras aqui eleitas fixam-se no realismo particular de suas narradoras-protagonistas, renunciando à visão geralmente mitificada da maternidade e, por isso, optam por não apaziguar o leitor por meio de uma escrita idealizada sobre o tema. Assim, abraçam a escrita da intimidade, revelando as fraturas que muitas mulheres preferem ocultar até de si mesmas. As autoras, mediante uma escrita destemida, empenham-se para chegar às profundezas dos sentimentos de suas personagens, recorrendo ora ao tom didático, ora ao fluxo de consciência e ao humor. Dessa forma, culminam em questionar os arranjos afetivos de nossos tempos, sobretudo no que diz respeito à maternidade, assunto ainda tabu quando se ambiciona tratá-lo a partir de uma perspectiva diferente da tradicional. Ou seja, o que se depreende de suas obras é a necessidade de afastar a voz interior, a qual, não raro, instrui a maioria das mulheres ao sacrifício eterno da vida doméstica. Sob essa perspectiva, percebemos que o tom da escrita de ambas surge como uma ferramenta necessária, visando desmistificar a mãe, cujo amor é sempre preponderante e legitimador para que os filhos ocupem todo o tempo e o espaço durante sua existência no mundo. Não existe apenas uma maneira de se viver a feminilidade e a maternidade, ao contrário, há uma infinidade de modos e, justamente por isso, não há determinismo algum que faça sentido quando falamos de experiência materna. Diante disso, é necessário reconhecer a importância das reflexões propostas pelas autoras para atingir a compreensão da imprescindibilidade de se resignificar o papel da mulher – sobretudo da mãe – na sociedade contemporânea.

Logo, ler obras como as aqui analisadas é colocar-se em contato com angústias das mais profundas, aquelas que preferimos esconder, fingir que não existem, a fim de continuar cultivando a ideia de que há um modelo único a se seguir. Concluo que as leituras de Júlia Lopes e Tati Bernardi, por surgirem de sentimentos obscuros, dos silêncios mais profundos que cada mãe carrega dentro de si, são necessárias e, não por acaso, foram escolhidas para objeto de pesquisa. As autoras, nas obras aqui analisadas, constróem denúncias em forma de narrativas, a fim de retratar uma linhagem de mães as quais rompem paradigmas, sendo produto discursivo das transformações históricas e ideológicas que circunscrevem o destino feminino junto às paredes do lar e aos ditames da família. Assim, Tati e Júlia tornam ruído o silêncio feminino ainda muitas vezes imposto.

Referências:



ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Maternidade*. Rio de Janeiro: Olívia Herdy de Cabral Peixoto, 1925.

BERNARDI, Tati. *Você nunca mais vai ficar sozinha*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

FABRÍCIO, Branca Falabella. Linguística Aplicada como Espaço de “Desaprendizagem. In: *Por Uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 45-66.

MOITA LOPES, L. P. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006, p. 85-107.